

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: A Gazeta (C.S.)

Class.: 28

Data: 20 de Outubro de 1980

Pg.: _____

Que fazer com nossos índios?

190

Alda Estelita Lins Nogueira

Nos idos de 1500 quatro milhões de índios aqui conviviam com pássaros e animais selvagens, numa terra tão vasta e numa liberdade tão ampla que mesmo a chegada do homem branco não parecia constituir-lhes ameaça.

Mas o branco foi botando as unhas de fora e hoje os cem mil remanescentes de tribos indígenas se sentem tão acucados e encurralados que, ante a aparente impassividade dos órgãos governamentais, resolveram fazer justiça pelas próprias mãos. Atitude primitiva que vem sendo repetida em vários setores de vida do país.

Não encontramos outra palavra para definir o que se tem feito aos índios através dos anos senão genocídio.

A princípio matava-se apenas para limpar a terra. Algo assim como cortar árvores ou capinar uma gleba. Ou empurravam-se os nativos para dentro. Empurrou-se tanto que se munidos de caravelas teriam vindo aportar ao mesmo Porto Seguro, começando às avessas tudo de novo.

E se o princípio evangelizador de Anchieta era realmente altruísta e sincero nem a própria Igreja Católica pode se certificar de ter assim procedido à época em sua totalidade.

Encurralados no tempo e no espaço os índios de nossos dias precisam respirar e é então que surgem entre eles elementos politizados para complicarem ainda mais a cômoda posição dos brancos.

Não bastassem a ONU, a UNESCO, a Imprensa — pedrinhas nos sapatos atrapalhando o pedaço de muita gente — aparece um cacique com mania de registrar num gravador "tudo que branco fala", porque "branco esquece".

Hoje não é tão fácil pegar de um bacamartê e dizimá-los, cegá-los com pesticidas, induzi-los ao álcool ou inocular em suas tribos virus contra os quais seus organismos virgens não possuem defesa.

Quando Mário Juruna se apresentou em público munido de um gravador muitos preferiram dar ao fato uma conotação risível, talvez como válvula de escape. Na verdade uma nova era estava sendo introduzida na cultura indígena, que se hoje apela para morticínios é por total desesperança na atuação objetiva de órgãos governamentais na demarcação de suas terras e na defesa de seus direitos.

"Os índios estão pintados para a guerra" — declararam os jornais, o que muita gente não levou a sério; talvez na convicção inconsciente de que índio é fantasia de carnaval e cara pintada uma farsa. Mas muitas mortes ocorreram e estão ocorrendo, talvez a esta hora, até. E — o que é pior — de parte a parte.

Diante da impaciência dos índios o Ministro Andreazza declarou que a demarcação de terras não será conseguida antes do término do atual mandato presidencial. Até lá...

Quando num rasgo de desespero lúcido um funcionário da FUNAI destrói ponte de acesso à reserva indígena dos tembés, por onde um fazendeiro fazia escoar madeira, não podemos condená-lo. A sua lucidez é a de quem está dentro do fogo e se vê a qualquer hora na mira de uma flecha ou morrendo a bordunadas.

Pois, segundo Mário Juruna, "índio não é objeto que todo mundo pode pegar e pôr onde quiser, índio não é boneca"; e, "en passant", era o primeiro dono da terra, alguém sabia?